

Registros ornitológicos nos campos rupestres da região de Diamantina, Minas Gerais, Brasil

ISSN 1981-8874



Alessandro Pacheco Nunes

Campos rupestres destacam-se pela elevada diversidade e endemismos de plantas e animais (Romero & Nakajima 1999, Vasconcelos 2001, Costa 2005). Do ponto de vista ornitológico é um ecossistema relativamente bem estudado (Rodrigues *et al.* 2005, Vasconcelos 2001, Vasconcelos *et al.* 2003, Vasconcelos & D'Angelo Neto 2007).

Entretanto, poucas são as informações sobre a avifauna ocorrente nos campos rupestres da região de Diamantina, em Minas Gerais.

Entre 1 e 17 de agosto de 2007, várias fitofisionomias do Parque Estadual Biribiri (18°11'06"S - 43°35'21"W) e do Campus da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (18°11'39"S- 43°34'11"W), município de Diamantina, Minas Gerais foram estudadas.

Estas visitas foram realizadas durante a disciplina Ecologia de Campo do Programa de Pós-graduação em Ecologia da Universidade de Brasília, concentradas no período da manhã, totalizando 48 h de observação.

A região está inserida na porção central da Cadeia do Espinhaço, predominando clima tropical, com duas estações bem definidas, uma chuvosa e outra seca.



Figura 1. Vista parcial da paisagem no Campus da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, MG. Foto: Karen Schmidt.

Nas áreas mais elevadas a temperatura varia de 18° a 19°C. Nos 16.998,66 ha do parque, a paisagem varia desde o cerrado ralo, cerrado, campo rupestre, cerradão e floresta estacional semidecídua (IEF 2004). Os campos e cerrados rupestres predominam no Campus (Figura 1).

A avifauna do Parque Estadual do Biribiri e Campus da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri é bastante diversificada, sendo avistadas 130 espécies durante a presente amostragem (Apêndice I).

Foram acrescidas duas espécies à lista de aves do Parque Estadual Biribiri (IEF 2004): *Lophornis magnificus* (Figura 2) e *Penelope superciliaris*.



Figura 2. Topetinho-vermelho (*Lophornis magnificus*). Foto: Luiz C. Ribenboim.



Figura 3. Chopim-do-brejo (*Pseudoleistes guirahuro*). Foto: Luiz C. Ribenboim.

Vasconcelos & D'Angelo Neto (2007) relacionam a ocorrência de 411 espécies de aves para a região central da Cadeia do Espinhaço. Destas, apenas *Pseudoleistes guirahuro*, Figura 3), não foi registrada pelos autores.

Ressalta-se, no entanto, que apenas parte da avifauna regional foi detectada, pois o curto período em que o levantamento foi realizado não permitiu o registro de todas as espécies ocorrentes nos locais visitados.

Na avifauna regional há pelo menos cinco endemismos do Brasil (Sick 1997): *Augastes scutatus*, *Lophornis magnificus*, *Formicivora iheringi*, *Polystictus superciliaris* e *Schistochlamys ruficapillus* (Figura 4).

Espécies como *A. scutatus* e *P. superciliaris* podem ser consideradas endêmicas da Cadeia do Espinhaço (Vasconcelos & Lombardi 2001, Hoffmann *et al.* 2007).

Do ponto de vista biogeográfico, a avifauna nas áreas estudadas apresenta elementos de vários outros ecossistemas vizinhos como Cerrado, Mata Atlântica e Caatinga. Tais dados reforçam os padrões biogeográficos verificados por Vasconcelos (2001).



Figura 4. Bico-de-veludo (*Schistochlamys ruficapillus*). Foto: Harlen Veloso.

Dentre os elementos com centro de distribuição Atlântico destacam-se *L. magnificus*, *Synallaxis ruficapilla*, *Philydor rufum*, *Lochmias nematura* (Figura 5) e *Tangara cyanoventris*.



Figura 5. João-porca (*Lochmias nematura*). Foto: Luiz C. Ribenboim.

Myrmochilus strigatus e *Icterus jamacaii* podem ser considerados típicos da Caatinga (Silva *et al.* 2003, Farias *et al.* 2005) e *Heliactin bilophus* e *Neothraupis fasciata*, do Cerrado (Silva 1995a, b).

Espécies como *Cyanocorax cristatellus* (Figura 6) e *Saltator atricollis* não podem ser consideradas endêmicas do cerrado, como propõe Silva (1995a, b), uma vez que tais aves estão amplamente difundidas em outros ecossistemas brasileiros como o Pantanal e a região pré-amazônica (Tubelis & Tomas 2003, A.P. Nunes com. pessoais).

Tyrannidae foi o grupo mais avistado na região, com 25 espécies. Entretanto, a elevada diversidade de beija-flores avistada chama a atenção. Na Cadeia do Espinhaço, várias espécies de plantas apresentam síndrome de ornitofilia (Vasconcelos & Lombardi 2001).

Algumas espécies foram avistadas somente nas manchas de floresta estacional semidecídua e

